

**Istoé**

**4/7/1984**

### **De usineiro a industrial**

Não é apenas o bóia-fria que se mexe. Em São Paulo, o usineiro convencional do passado cede lugar a empresários modernos, atentos às inovações tecnológicas, às mudanças no mundo das relações do trabalho, às técnicas de gerência da grande empresa capitalista ou mesmo à importância da informática. É o caso de Clésio Balbo, 34 anos, diretor administrativo e financeiro das usinas Santo Antônio e São Francisco, em Sertãozinho. Em abril, ele subiu a esse posto na organização familiar, depois de trilhar caminhos muito diferentes dos de seu pai e de seu avô italiano, que se implantaram nos canaviais de Ribeirão Preto nos anos 30.

Clésio estudou economia na Universidade Mackenzie, de São Paulo, e aperfeiçoou-se em administração rural na prestigiada Fundação Getúlio Vargas. Seu currículo profissional inclui seis anos de dedicação à metalúrgica Zanini Equipamentos Pesados, onde ocupou o posto de gerente-geral no Estado de São Paulo. E, finalmente, um estágio na Hills Brothers Co., subsidiária da Copersucar em San Francisco, Estados Unidos, abriu-lhe os horizontes para o exterior.

Para descrever os recentes conflitos e a queima de canaviais em Guariba, o jovem Balbo é capaz de esgrimir um raciocínio refinado para contornar a corriqueira tese de infiltração política de esquerda no movimento dos bóias-frias. "Os cortadores de cana são antiincendiários por natureza", pondera ele. "Eles sabem que estamos todos no mesmo barco. Se faltar cana para cortar, haverá menos emprego para eles. E os grandes movimentos da história não são feitos pelos desempregados."

Nesta terceira geração dos administradores dos canaviais está também Maurílio Biagi Filho, 42 anos, diretor superintendente da Usina Santa Bisa, em Sertãozinho, onde começou como balconista nos armazéns. "Nesta modernização, o surgimento de um sindicalismo de ambas as partes é uma decorrência natural. Se for bem-dirigido, será positivo para as relações entre capital e trabalho. Ambas as partes podem discutir diretamente entre si." Um reflexo quase automático na atitude de vida desta geração: Maurílio prefere ser chamado "industrial", no lugar de "usineiro".

Este setor de ponta dos canaviais da região de Ribeirão Preto congrega dezenove usinas, que deverão produzir na safra de 1984 cerca de 25 milhões de sacas de açúcar e 1,5 bilhão de litros de álcool, o correspondente à moagem de 30 milhões de toneladas de cana. Os empresários mantêm uma organização não-oficializada, cuja origem se inspirou no Grupo 14 do setor metalúrgico da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, que já ganhou notoriedade trabalhando anualmente acordos inovadores com os sindicatos de trabalhadores no ABC. Na quarta-feira da semana passada, alguns de seus membros se reuniram, como fazem com cena freqüência, e reafirmaram a necessidade de batalhar pelo cumprimento do Acordo de Guariba, o fortalecimento do sindicato patronal e, com grande antecedência, começaram a estudar o comportamento a ser adotado no próximo dissídio coletivo.

O jovem diretor do setor agrícola da Destilaria Santa Luiza, Ivo Bellodi Neto, 26 anos, acha que os usineiros devem preparar-se para os futuros conflitos. Ele não se surpreendeu com o movimento desencadeado a partir de Guariba. "Isso tinha de acontecer mais cedo ou mais tarde. Com o custo de vida tão elevado, o povo se cansou", lamenta-se Bellodi. Para esses empresários, o que foi concedido aos trabalhadores nos últimos meses ainda não é suficiente, e eles acreditam que novas e maiores reivindicações serão colocadas em breve — e, reunindo-se, procuram enfrentá-las organizadamente.

Biagi Filho olha preocupado para o futuro e acha que no máximo dentro de dois anos os problemas de hoje voltarão com mais força. "A expectativa gerada pelo Acordo de Guariba entre os trabalhadores rurais não vai traduzir-se em resultados materiais, vai ser uma frustração", teme ele. "O acordo deixou uma imagem fantasiosa de que tudo vai mudar, mas todos devem entender que ele não é uma varinha de condão."